

Ivan Rubens

# Andarilhagens Pantaneiras

Crônicas e Diálogos  
no Pantanal Matogrossense



Editora Sorian

Transformando palavras em obras

**ANDARILHAGENS  
PANTANEIRAS –  
CRÔNICAS E DIÁLOGOS  
NO PANTANAL  
MATOGROSSENSE**



Editora Sorian  
Transformando palavras em obras.



Ivan Rubens

**Andarilhagens pantaneiras –  
crônicas e diálogos no  
pantanal matogrossense**

Editora Sorian  
Londrina – Paraná  
2024

Copyright © da Editora Sorian  
Editor-chefe: Vinícius Souza  
Diagramação, Capa e Revisão por Editora Sorian

### Conselho Editorial

André Giacomelli Leal (PUC-PR)  
Aníbal Coutinho do Rêgo (UFC)  
Antônio Charles Santiago Almeida (UNESPAR)  
Clarissa de Franco (PUC/SP)  
Jefferson Henrique Cidreira (UNIR)  
José Maurício Diascânio (UNINORTE)  
Manoel Valente Figueiredo Neto  
(Registro Imobiliário de Caxias do Sul, RS/UCS)  
Marcela Iochem Valente (UERJ)  
Maria Gorete Firmino de Lima (UNIDA)  
Miqueias Lima Duarte (UNIR)  
Neemias Moretti Prudente (UNIMEP)  
Reginaldo Simões Mendonça (UFAM)  
Romualdo Dias (UNESP)  
Sônia Maria Teixeira Machado (IFRO)  
Vilma Maria Inocêncio Carli (UCDB)

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

R823a

Rubens, Ivan.

Andarilhagens pantaneiras : crônicas e diálogos no Pantanal Matogrossense / Ivan  
Rubens – 1. ed – Londrina, PR : Editora Sorian, 2024.  
64 p.; 12,5x18cm.

ISBN Físico: 978-65-5453-200-6

ISBN Digital: 978-65-5453-199-3

DOI doi.org/10.54466/sorianed.978-65-5453-199-3

1. Água. 2. Comunidades quilombolas. 3. Crônicas brasileiras. 4. Educação. 5. Meio  
Ambiente. 6. Pantanal Matogrossense. I. Título. II. Série.

04-2024/64

CDD B869.3

---

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.3  
Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

 editorasorian  editorasorian

<https://www.editorasorian.com.br/>  
2024

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra  
sem autorização da Editora Sorian

Todos os direitos desta edição reservados pela Editora Sorian

*Ao Pantanal inteiro... (e não pela metade).*



Agradeço a:

Escola de Ativismo, Sociedade Fé e Vida, aos Comitês Populares de Defesa das Águas e do Clima do rio Paraguai e alguns de seus afluentes. Escola de Militância Pantaneira. Ao Coletivo Pesquisação, a Estação Ecológica Serra das Araras.

Ao Comitê Popular de Defesa das Águas e do Clima do rio Jauquara. Brigada Quilombola do Vão Grande, a Escola Estadual Quilombola José Mariano Bento.

Pedro Silva, Mariana Lacerda, Sílvio Munari.  
Ao povo quilombola do Vão Grande.



# Sumário

Andarilhar é cartografar.....	11
Festa e Fé no Pantanal .....	13
Introdução.....	16
Mais que um rio .....	17
Sobre escola, água e felicidade .....	20
Territorializar ou Pertencer ao Território.....	23
A Terra Querida do Benedito.....	26
A vida é tão rara .....	29
Do interior dos interiores .....	32
Benzeção, Bento e a benta .....	45
Conversa a respeito de seres encantados .....	51
Andarilhagens pantaneiras – Últimas palavras.....	56
Apresentação do autor .....	57
Índice remissivo.....	58
Sobre o autor .....	59



# Andarilhar é cartografar

Arriscamos aqui uma imprecisão conceitual: em termos de geografia física, o Pantanal é uma depressão geográfica. Mas esta imprecisão nos serve para apelar a uma geografia outra, aquela que chamamos de geografia afetiva. E, nos termos de uma geografia afetiva, o Pantanal é uma alegria.

Geografia, aqui, diz respeito à ciência geográfica. Aquela que faz do escritor dessas Andarilhagens Pantaneiras um cientista chamado Geógrafo. Assim, temos o Ivan Rubens – Geógrafo.

Afetivo, aqui, diz respeito ao carinho que temos pelo Pantanal. Mas também quer dizer algo mais: os afetos que nos atravessam a cada vez que andarilhamos por terras e águas pantaneiras.

Geografia afetiva diz de uma forma de andar pelo Pantanal que constitui a produção de uma cartografia. Nesta cartografia são produzidos mapas, sim, porém não somente dos relevos e paisagens. Mas digamos que são mapas dos territórios existenciais. E aqui temos um outro Ivan Rubens – o cartógrafo.

E estas Andarilhagens Pantaneiras são um modo de realizar isto: uma cartografia. Várias. Que aproximam distintos momentos vividos por Ivan e uma

constelação de parentes que, junto com ele, atravessam essas paragens.

E essas cartografias nos dizem de um modo de viver. Um modo de viver que considera que somos água, somos terra, somos peixes, somos roças, somos reza, somos frutos da terra, somos seres encantados, somos banho de rio, somos moda de viola, somos escola quilibola, somos escola de militância. Somos tradição.

São também escritos que mostram um Pantanal para além daquele que consagrou as imagens mais lindas que você já viu: dos rios, dos bichos, do pôr do sol. Os escritos das Andarilhagens também irão lhe mostrar paisagens povoadas, paisagens cheias de gente.

Ao ler os textos que compõem este livro você verá que esta paisagem pantaneira povoada é um lugar de luta pela vida. Verá também uma forma de lutar única: se somos água, lutamos para que as águas que bebemos sigam vivas e, assim, também sigamos vivos; se somos terra, lutamos para que as terras que nos alimentam sigam vivas e, assim, também sigamos vivos.

Revolucionar é conservar. E andarilhar é cartografar este modo outro de revolucionar.

*Silvio Ricardo Munari Machado*

# Festa e Fé no Pantanal

Andarilhagens pantaneiras é uma coleção de escritos em que o autor compartilha as experiências que viveu (e segue re-vivendo) em suas andarilhagens em terras mato-grossenses, no pantanal exuberante de vida, de tradições, de fé e de muita festa. Os textos a seguir abordam sua vivência, suas andarilhagens, com o coração aberto de um educador popular que adentra sempre um mundo novo, mesmo que seus pés percorrem o mesmo caminho de terra do posto Currupira até a casa da Lindalva e atravessem o rio para ser recebido pela família do querido tio Antônio. É sempre novo. E o novo deslumbra. Nos faz sentir com muita força e sensibilidade o que se passa. Aguça a nossa alma para compreender, ressignificar, criar laços, estar.

Os escritos se moldam em temáticas que estão sempre presentes nos encontros que participa nesse território pantaneiro: a luta e a militância por um pantanal inteiro, abundante de tudo que o torna único. Poderíamos citar diversas características físicas, geográficas, até mesmo políticas que tornam o pantanal único, mas tudo pode ser encontrado à distância de um “google”. O que não podemos citar são suas singularidades, as coisas miúdas que compõem sua grandeza e que são capturadas (ainda bem!) pelo andarilho que ali passa

de tempos em tempos e cria um registro através das suas palavras.

A seguir vocês terão acesso a esses registros que nos contam o que acontece no coração do Pantanal, na casa do povo, na escola de Militância Pantaneira, no território encantado do Vão Grande, no encontro dos Comitês Populares de Defesa das Águas e do Clima dos rios do Pantanal, na estrada (que também é uma passagem) entre dois mundos. O mundo do autor e o mundo que ele adentra para se somar a algo muito maior e mais potente, que é a luta pantaneira.

Dentre as inúmeras andarilhagens, uma em especial: Ivan começa a compreender que o termo onde diz “tempo é relativo” faz muito sentido quando se adentra nas comunidades tradicionais, aprende e entende que a natureza conversa com a gente. Claro que nem todos sabem ou conseguem entender sinais que ela nos manda, porém quando anda com pessoas que as decifram fica cada vez mais fácil de compreendê-las e aceitar as inúmeras formas de comunicação que existem, conhece histórias, estórias, narrativas, contos e causos, canções e cantigas, tons e toadas, danças e folias, culturas, tradições e principalmente presta atenção em cada detalhe, observa cada ação e as transcreve como rios de ideias. Aliás, por falar em ideias, concluo que o repertório de ideias chega ser de certa forma ilimitada,

pois qualquer assunto, tema ou discussão, produzirá ideias e mais ideias por parte deste grande autor.

Ivan nos mostra que sempre é tempo de fé e de festa no Pantanal mato-grossense.

*Mariana Lacerda e Pedro Silva*

# Introdução

Os textos aqui compilados são resultado de muita andarilhagem no Pantanal mato-grossense. Foram textos escritos no calor dos acontecimentos, no calor do Mato Grosso, são textos quentes. São textos molhados nas águas dos rios que abastecem o rio Paraguai, são textos mandioca, milho, maxixe, banana “sarta viaco”<sup>1</sup>, banana da terra, são textos terra. São textos fogo e ar. São textos natureza e ao mesmo tempo luta, luta pela terra, pelas águas, lutas pelo clima, sobretudo comunidades em luta pela vida. Vida para todos e todas, luta em favor de todas as formas de vida.

São acontecimentos e, conseqüentemente, são registros textuais atravessados por muitas forças, embalados por muita música, alguns trechos ousado dizer que entoados com poesia quase musical. As canções aqui citadas estão marcadas no texto e devidamente referenciadas.

Te convidamos para um passeio, uma trilha pela mata, uma navegação pelas águas. Esperamos que goste do Pantanal mato-grossense que aqui se apresenta.

---

1 Talvez seja a banana conhecida como “farta velhaco”.

# Mais que um rio

Muitas histórias começam com ‘era uma vez’... E o contador ou contadora da história continua sua contação. Gosto de pensar a palavra ‘contação’ como ‘ação de contar’ uma história ou um causo. Compreendida desta maneira, a contação dá a liberdade para agir na história/causo. Partindo de um ‘causo’, um contador, uma contadora de história tem essa capacidade de torná-la mais interessante, mais agradável, mais atraente. É uma espécie de charme, um certo poder de sedução, uma certa magia que atrai a escuta, que atrai a atenção.

Pois bem, ERA UMA VEZ um grupo de pessoas no coração do Brasil. Gente que vive da terra, que cultiva banana, arroz, milho e mandioca, gente que faz farinha e polvilho no quintal das casas. Gente que vive da pesca, da criação de galinha e porco, gente que tira leite da vaca e produz manteiga. Gente que entende e sabe a língua dos ventos, dos bichos, gente que sabe da chuva, do frio e da seca, gente que canta as belezas das plantas, gente que toca viola de cocho para dançar São Gonçalo, Siriri e Cururu. Gente cabocla, gente quilombola, gente... Brasileiros e brasileiras que rezam numa língua própria, mistura de latim e bugre, mistura de nações e povos num vão grande entre Américas e Áfricas, um

caldeirão de misturas culturais, poções mágicas, narrativas do interior e narrativas de interiores.

São famílias que vivem no seu território quilombola cuja paisagem é modelada pelo rio Jauquara que, entre curvas, cheias e vazantes vai tecendo, tem tecido uma comunidade tradicional. “O rio é muito mais que um rio”.

O rio não é visto como recurso natural. Não!!! Quem vê num rio apenas um recurso, precisa consultar um oftalmologista desses que cuida dos olhos da alma e da imaginação. Um rio é água e água é fonte da vida, então o rio é os peixes, o rio é o lençol freático, o rio é as frutas, os alimentos, o rio é a mata, a banana e a mandioca, os bichos, a roça. O rio passa por você na chuva ou no banho, no macarrão, no arroz e no feijão, na bolacha de água e sal. E o rio passa por dentro da gente porque eu sou água, sangue, o rio é o feto, a barriga grávida e a mãe. O rio entra em mim misturado com as uvas na taça de vinho, e sai de mim na lágrima caída. Nesta perspectiva, um rio é da família: somos parentes!

Vejo tais comunidades na bacia do rio Paraguai, no Pantanal matogrossense, comemorar o aniversário dos rios, águas e nascentes. Está na nossa cultura comemorar o aniversário das pessoas queridas. Cantamos assim: PARABÉNS PRA VOCÊ / NESTA DATA QUERIDA / MUITAS FELICIDADES / MUITOS ANOS DE VIDA. Nos reunimos em torno das pessoas que amamos para

desejar alegrias e vida longa. É exatamente isso: o rio é querido. Assim celebramos o dia do rio Jauquara, afluente do rio Paraguai, fizemos uma linda festa, cortamos o bolo e cantamos o hino num lindo coro de vozes:

RIO JAUQUARA / RIO JAUQUARA / FAÇO AQUI A  
MINHA LUTA PARA ESSAS ÁGUAS QUE NÃO PÁRA  
/ RIO JAUQUARA / RIO JAUQUARA / SUAS ÁGUAS  
COR DE ANIL / FAÇO AQUI A MINHA HOMENAGEM  
28 DE ABRIL.

Era uma vez o Comitê Popular das Águas do rio Jauquara.

# Sobre escola, água e felicidade

Aconteceu na cidade de Cáceres, Mato Grosso, nas cabeceiras do rio Paraguai. O rio Paraguai é afluente do rio Paraná, bacia do rio da Prata. O rio Paraguai nasce na cidade de Alto Paraguai/MT, passa pela Bolívia, atravessa o Paraguai e derrama suas águas no rio Paraná, lá na Argentina.

Observando papagaios, periquitos, araras, maracanãs, calopsitas frequentando o rio, os povos indígenas diziam ‘*Ysyry Paraguái*’ que na língua guarani antiga quer dizer ‘*rio dos paraguás*’. ‘*Paraguá*’ é uma espécie de psitacídeo (ordem de aves), e ‘*y*’ significa rio.

Pois bem, aconteceu na margem esquerda do rio Paraguai. Dois amigos, desses que compartilham uma vida de estudo, de trabalho e de luta, experimentavam a alegria de ser professor em mais uma tentativa. Ambos envolvidos com um livro (sobre o ofício de professor) do espanhol Jorge Larrosa. E lá pelas tantas, apareceu uma frase atribuída a Maria Bethânia: “Perto de muita água, tudo é feliz”.

Estavam numa situação de estudo, trabalho e luta, mais um encontro da Escola de Militância

Pantaneira. Trata-se da reunião de 13 Comitês Populares de Defesa das Águas, das nascentes (e do clima) do rio Paraguai e seus afluentes. Escola porque oferece tempo (livre dos temas ordinários) para colocar a atenção nos temas selecionados para estudo, neste caso, os “direitos da natureza”: leram “A Carta da Terra”, ouviram Leonardo Boff, estiveram em aula com uma professora que trouxe dados, números, experiências de outros países onde os rios são sujeitos de direito, onde montanhas e territórios sagrados são sujeitos de direito. Escreveram um projeto de emenda visando à inclusão dos direitos da natureza na Lei Orgânica do município de Cáceres/MT.

Durante o Encontro da Escola de Militância Pantaneira, uma frase ficou muito forte: “eu sou natureza”. E as pessoas repetiam: “eu sou natureza”, “eu sou natureza”. Bem, se ‘eu’, um ser vivo chamado humano, é sujeito de direitos e, ‘eu’ é natureza, logo... Mas quero colocar nossa atenção numa dimensão outra da mesma frase. “Eu sou natureza” nos convida a pensar que está em construção uma ponte para vencer a distância, o abismo que separa humano e natureza, natureza e cultura. Estamos falando de uma razão liberal, industrial, neoliberal, desenvolvimentista que nos leva a pensar um rio como recurso hídrico, que nos leva a pensar floresta como recursos florestais, natureza como recursos naturais, e pasmem, homens e mulheres como recursos humanos. Deste ponto de vista produtivo

e desenvolvimentista, crianças e idosos, doentes e loucos, se improdutivos, nem recursos são. Portanto, não são nada.

Mas no encontro da Escola de Militância Pantaneira o pressuposto parecia outro. Partiram do pressuposto que envolvimento é mais importante que desenvolvimento. Envolvidos entre si e envolvidos com o tema selecionado para estudo (direitos da natureza), homens e mulheres, jovens e velhos criaram para si outras possibilidades de ver, de pensar e de sentir(-se) natureza.

Aconteceu ali, na margem esquerda do rio Paraguai. Maria Bethânia e Jorge Larrosa deram a letra: “perto de muita água, tudo é feliz”.

# **Territorializar ou Pertencer ao Território**

Dois amigos seguem para mais um encontro de educação popular. Estão num desses carros nem grande e nem pequeno, desses tipo furgão cuja porta lateral desliza paralela à lataria, se é que carro tem lata... Aliás, você já notou que carro muda muito de nome e de modelo? difícil acompanhar a velocidade de tais mudanças.

No interior do Mato Grosso, seguem para uma Terra Quilombola. São cinco comunidades que lutam pela terra, lutam pelo rio vivo em peixes e a água pra beber, pra cozinhar, pra molhar a horta de temperos e de ervas medicinais. Fazem roça de mandioca, de banana, de milho, feijão, abóbora, alimentos para as famílias e para “as criação”. Criam “galinha sorta” no terreno, “uns porquinho”, vaca de leite, um ou outro boi para servir nas festas de santo. Essa Terra Quilombola fica entre morros na planície de inundação do rio Jauquara, no alto curso da bacia do rio Paraguai, bioma Pantanal.

Pois bem, os dois amigos seguem para o Território Quilombola do Vão Grande. São amigos de estudo, amigos de trabalho e amigos de luta porque partilham

a vida de estudantes, partilham o tempo dedicado aos trabalhos remunerados e, ainda, partilham a fé. Fé aqui compreendida como as ações nas lutas que, creem, necessárias para transformação do mundo. Estudo\_trabalho\_luta comendo, pouco a pouco, uma amizade tecida na lida da vida.

O pequeno furgão circula numa ‘sojeira’ sem fim: fazendas de soja, soja, soja, soja, monocultura da soja, carretas carregadas de soja enfileiradas na estrada. Fora do furgão, a monocultura da soja; dentro do furgão, a multicultura das conversas, do pantanal vivo nos poemas do Manoel de Barros, da saudade do povo quilombola do Vão Grande, da expectativa com a festa de aniversário do rio Jauquara e a curiosidade com o sabor do bolo deste ano, da lembrança de episódios a propósito da Canção para o rio Jauquara... os amigos transitavam “na paralela do impossível”.

Carregavam um “sentimento de aldeia”, cultivavam um “sentimento de quilombo”. Era como andar contra o tempo cada vez mais acelerado das grandes cidades, ao encontro do encanto de pintassilgo, um gosto de passado, uma sociedade de ATRASO no melhor sentido da palavra: um tempo lento, tempo de respiro, tempo de bezerro e saci pererê, da pressa de galinha ciscando o terreno, pressa do corpo deitado na rede cuja sombra da mangueira alivia o calor de 38 graus. Estavam chegando, chegando, cada vez mais perto, estavam territorializando.

Há lugares onde o vínculo com a terra é muito forte. A vinculação do sujeito com a terra é forte porque o laço é afetivo: laço mais forte que nó. É como se não houvesse separação, terra não existe sem a gente e a gente não existe sem a terra e tudo o que flui nela, toda a vida, toda a cultura. Diante do cemitério quilombola, ouviram: “aqui estão enterrados meu pai e minha mãe, o corpo deles já virou terra. Tá vendo aquela mangueira logo ali? dá a manga mais doce de toda região, tem a doçura da saudade”.

Pertencer ao território é ser parte do seu chão!

# A Terra Querida do Benedito

Há, no estado do Mato Grosso, um movimento muito interessante em defesa da Vida: Comitês Populares em Defesa das Águas e do Clima. São 13 Comitês Populares distribuídos nos rios que compõem a bacia do rio Paraguai, cujas águas e as lutas pela vida vão tecendo uma rede. Assim como a rede de drenagem compostas pelos rios e afluentes, cada rio contribuindo com suas águas na formação dos rios maiores, as pessoas organizadas em Comitês Populares vão contribuindo com sua luta pela Vida, mas também com sua cultura, com suas danças, sua gastronomia, com seus modos de vida, e assim vão tecendo uma rede social. Uma rede social real onde as pessoas se encontram no movimento e na luta.

Essa luta pela vida se materializa em ações concretas como a defesa dos rios, contra empreendimentos como hidrelétricas e hidrovias, contra o veneno utilizado na monocultura da soja que polui as terras e mata a vida nas águas. Contra o garimpo e a mineração em terras produtivas, contra a invasão e a grilagem da terra onde as famílias produzem alimento para sobreviver. E nesse movimento de luta, as pessoas no campo vão tecendo suas redes de vida e suas redes de cultura.

Benedito Iliño é um pequeno produtor. Ele produz mandioca, banana, abóbora, feijão e milho, cria minhoca, porco e galinha. Benedito também cria obras de arte e produz cultura: ele escreveu a Canção do rio Jauquara, uma obra cantada pelo povo no Território Quilombola do Vão Grande todo dia 28 de abril, quando se comemora o dia do rio Jauquara. Já a canção Terra Querida fala da vida no bioma Pantanal:

MATO GROSSO TERRA QUERIDA / SUAS CORES ME  
SATISFAZ / OS VERDES DOS CAMPOS E OS CHEIROS  
DOS PANTANAIS / É O JARDIM DA NATUREZA, SUA  
BELEZA TÃO MAGISTRAIS / ÁGUAS VIVAS DOS RIBEI-  
RINHOS E O REPOUSO DOS ANIMAIS

Nesta primeira parte, o artista nos apresenta um pouco da sua terra em cores, cheiro, águas e beleza.

A LUA SURTIU NOS MONTES / DEIXANDO RAIAS PRA  
TRÁS / VISITANDO O RIO JAUQUARA E BANHANDO O  
RIO PARAGUAI / ILUMINANDO OS POVOS DE LUTA E  
A FÉ QUE NELES TRAZ / NOSSOS RIOS POR INTEIRO  
E OS CORREDORES BIOCULTURAIS / QUEM BEBE DE  
SUAS ÁGUAS COM CERTEZA NÃO ESQUECE MAIS

O artista pede os rios por inteiro, sem barragens, sem interdições. Rios cujo fluxo nos remete à vida de

povos em luta, povos de fé, rios que são corredores de vida e de cultura. E o refrão é marcante:

PANTANAL, PANTANAL, SUA BELEZA TÃO NATURAL  
/ PANTANAL, RECANTO NA ANHUMA, OLHAR DAS  
JUMAS EU PASSO MAL / PANTANAL, AQUI É SELVA /  
SÓ QUANDO TÔ COM REIVA SOU ANIMAL.

Anhuma é uma ave da região. Mas é no olhar das Jumas que o artista “passa mal”. Quem não se lembra da Juma Marruá, personagem da novela Pantanal? a mulher que vira onça, ou seria uma onça que vira mulher? a selvageria da vida em suas diferentes formas. Diante da vida selvagem, o ‘eu lírico’ da canção passa mal: pode ser por medo, mas pode ser encanto... e uma réiva que também o transforma em animal: um homem anhuma, homem arara, tucano, homem peixe jaú, dourado. Porque vida é vida, independente da roupa que ela veste, ou seja, do corpo que ela tem.

Rios como metáfora da vida, corredores por onde passam vida e cultura. A Terra Querida do Benedito Ilino.

## A vida é tão rara

Lenine é cantor, compositor, ator, escritor, um pernambucano produtor de mundos por meio de sua arte. A canção Paciência diz assim:

*MESMO QUANDO TUDO PEDE UM POUCO MAIS DE CALMA / ATÉ QUANDO O CORPO PEDE UM POUCO MAIS DE ALMA / A VIDA NÃO PARA / ENQUANTO O TEMPO ACELERA E PEDE PRESSA / EU ME RECUSO FAÇO HORA VOU NA VALSA / A VIDA TÃO RARA*

Lenine é ecologista. Ecologia é uma palavra de origem grega: ‘eco’ deriva de ‘oikos’ que significa “casa”, e ‘logia’ deriva de ‘logos’ que pode significar “saber”, “estudo”. Um sentido possível para a palavra ecologia é estudo dos seres vivos em suas casas. Um passarinho, por exemplo, onde é sua casa? uma arara ou um tuiuiú, um jaú, uma sucuri, uma onça pintada, onde moram? no céu, no rio, na terra, na mata, na floresta. Pensando assim, podemos considerar que a natureza é a nossa casa comum. Não uma casa de tijolos coberta com telha de barro, mas uma casa grande e bem arejada, espaçosa, com muito ar e água, com muita terra para fazer roça, para criar galinha e porco. Uma casa com uma vista maravilhosa, com árvores de fruta que

adubamos com as cinzas da fogueira no dia de São João, um espaço amplo pra criançada brincar com liberdade. Paciência continua...

ENQUANTO TODO MUNDO ESPERA A CURA DO MAL / E A LOUCURA FINGE QUE ISSO TUDO É NORMAL / EU FINJO TER PACIÊNCIA / E O MUNDO VAI GIRANDO CADA VEZ MAIS VELOZ / A GENTE ESPERA DO MUNDO E O MUNDO ESPERA DE NÓS / UM POUCO MAIS DE PACIÊNCIA

Cuidar da casa comum. Cuidar vem do latim ‘cogitare’ que significa ‘pensar’. Assim, cuidar e pensar andam de mãos dadas. Por exemplo, se eu gosto muito de Cristina, se eu penso em Cristina, eu cuido de mim para estar com Cristina, cultivo minha **RELAÇÃO** com Cristina, cuido para que ela se sinta bem. O mesmo serve para a natureza: se eu gosto da natureza, eu cuido dela. Parece distante mas não é: se eu gosto de respirar ar puro, se eu gosto de beber água fresca e pura, se eu gosto de comer frutas, legumes, grãos, eu cuido do ar, da água, da terra. E penso em jeitos de cuidar mais e melhor. Pensar e cuidar...

Estou aqui te convidando para pensar em pequenas atitudes, pequenos gestos, modos de fazer e de pensar no cuidado com a casa comum. Mas tem uma terceira palavra: economia. Economia e ecologia são

palavras vizinhas. Portanto, quando seres humanos compreendem a natureza como recurso, os “recursos naturais”, esses animais se colocam num lugar prepotente. A Terra precisou de mais de 4 BILHÕES de anos para criar um ambiente onde a vida humana pudesse surgir. Mas a espécie humana tem, em apenas 100 anos, provocado impactos que estão comprometendo a vida (humana e não humana) na Terra. Paciência termina assim:

SERÁ QUE É O TEMPO QUE LHE FALTA PRA PERCEBER / SERÁ QUE TEMOS ESSE TEMPO PRA PERDER / E QUEM QUER SABER / A VIDA É TÃO RARA, TÃO RARA

Enquanto a ganância de uns tenta barrar o rio Jauquara com a construção de uma Pequena Central Hidrelétrica, a vizinha Hortênsia come a mandioca e banana da sua roça com o peixe que ela pesca, e queima o fumo que ela mesma planta e colhe. Aos 83 anos ela merece viver seu sossego na terra quilombola do Vão Grande.

# Do interior dos interiores

Aconteceu no dia 19 de agosto de 2022, o lançamento do livro Narrativas do Interior. Aconteceu em forma da laive. Laive é um neologismo desses tempos da jovem internete. Essa tal de internete que chegou chegando. Por mais incrível que possa parecer, sobretudo para os mais jovens, o mundo já existia (e até funcionava) antes da internete. A internete chegou chegando, mexeu, remexeu. Mexe e remexe, sacode, balança. Lança. Assim realizamos a laive de lançamento numa espécie de lançalaive, um lançamento em forma de laive. Lançamento e entrelaçamento de narrativas e interiores.

Tal acontecimento exigiu grande preparação. Para tudo dar certinho, afinal era muita gente envolvida, muita história, narrativas e interiores. Um jovem quilombola se experimentando escritor das narrativas colhidas desde menino numa terra encantada: o território quilombola do Vão Grande.

Desconhecido

Des\_conhecido

Des conhecido

Se\_conhecendo

Conhecendo

Conhe\_sendo

Sendo conhecido

Devagar vamos conhecendo esta terra e seu povo em ações de fazer(-se) comunidade, de “produção do comum” no dizer dos dotô, “que era tudo comum” no palavreado do quilombo. Aqui no território acompanhamos de perto a preparação da laive. A laive lança o livro, lança para o mundo um livro. Um livro que lança para o mundo as narrativas e, com as narrativas, narradores e narradoras, gente que conta causos, gente que faz coisas, gente que cria objetos e, ao criar objetos, cria gentes e modos de vida. Gente que luta, luta pela terra, gente que labuta, labuta pela vida.

Gente que faz viola de cocho, gente que toca viola de cocho.

Gente que faz ganzá, gente que toca ganzá.

Gente que dança e que reza, gente que preza seus santos e santas, gente de fé.

Gente que tece, gente que fia, gente que cria.

Gente que vive da terra, que cuida da terra, gente  
que traz gente para esta terra.

Gente que tira remédio das plantas

Gente que canta.

Gente que segura o céu, gente que segura na mão  
uma vida inteira:

e viva a parteira!!!

viva

viva

Gente que luta pelo rio

no calor e no frio

o rio onde o jaú quara na beira

luta de uma vida inteira

Rio livre, vivo e sem fronteira

Jauquara, o rio emoção. Apesar do frio.

Frio.

Certamente o dia mais frio do ano aqui neste  
mato grosso e trêmulo de frio.

Bom mesmo foi ribuçar na festa de aniversário do João Batista que aconteceu na casa do pai-véio Chico. Para este povo quilombola, o verbo ribuçar significa “ficar bemquentinho debaixo de roupa quente ou de cobertores”. Pensei em ribuçar na fogueira ali no barracinho do terreno mas não posso usar este verbo. Então ficamos ali aproveitando o calor da fogueira mesmo e brincando com as pequenas Luiza e Maria. Ribuçar veio depois, debaixo dos cobertores do Programa Aconchego. Ahãã?

No dia e na hora marcados, estávamos lá. Tudo preparado, computador ligado e a internete funcionando. Caminhando do jeitinho que gostaríamos exceto pelo vento anunciado pela chuva do dia anterior e do frio mais forte do ano.

## **Rio do frio**

Frio, muito frio neste Mato Grosso.

Por mais incrível que possa aparecer, passamos frio no estado do Mato Grosso.

Até o último momento, Lindalva passava o café para receber parentes. Um livro que narra os interiores. Mas que interiores?

Os parente tudo chegando: Ditos, Tonhos, Clemente, Júnio, nenê...

Uma laive que lança interiores merece que os interiores estejam na laive. E estavam ali posicionados no plano da câmara. Ali no interior do buraquinho (da câmara), os interiores narrados nas Narrativas.

Estavam ali: Dito 1000, Dito 400, Dito Baiano, Dito Vítor, Antônio, Claudenilson, Larissa, Ivo, Clemente, Francisco, Zacarias, Lindalva, Junior, Pedro, Mila e mais alguéns que talvez me escapem às memórias. Gente muito interessada, gente muito atenta aos acontecimentos do livro e da laive. Talvez um inédito inaugura aquele momento meio mágico, meio místico, meio mítico. Estávamos ali, pouca gente acostumada com laive, talvez apenas eu, Mariana Lacerda e Pedro Paulo porque certamente Pedro Silva, o escritor inaugural inaugurando uma lançalaive e se inaugurando nela. Posicionamos o lepitopi sobre a mesa de forma que o vento não prejudicasse a tela. Diante dela, Pedro Paulo, que assina Pedro Silva como reforço no esforço do nome carregamento das tradições e narrativas de interiores. Do lado direito, Lindalva, sua mãe. Do lado esquerdo, pai-véio Chico, seu avô.

De nossa parte, tudo começou em 2019, mais precisamente em 28 de abril como canta Dito Iliño, o Dito Iliño (Dito Baiano):

RENASCEU ENTRE AS COLINAS / SUAS ÁGUAS SEM  
IGUAL / CORTANDO SERRA E MONTANHA / COM  
DESTINO AO PANTANAL / TRAZENDO ESPERANÇA  
E VIDA / PARA MUITOS CORAÇÕES / SEU EXISTIR É  
UMA HERANÇA PRA FUTURAS GERAÇÕES

RIO JAUQUARA, RIO JAUQUARA / FAÇO AQUI MINHA  
HOMENAGEM PRA ESSAS ÁGUAS QUE NÃO PÁRA /  
RIO JAUQUARA, RIO JAUQUARA / SUAS ÁGUAS COR  
DE ANIL / DEIXO AQUI MINHA HOMENAGEM: 28  
DE ABRIL / DEIXO AQUI MINHA HOMENAGEM:  
28 DE ABRIL.

Muitos olhares atentos à tela e ao buraquinho de vrido que fica em cima dela, que os sabido chama de câmera. Dois olhares atentos aos muitos olhares: enquanto a laive rolava, Mariana, “nossa dotora devogada”, dedicada, observa as expressões, olhares e percebe lágrimas. Lágrimas contidas ou corridas. E percebe gente se fazendo rio, gente vertendo, vertedoura de fortes emoções em forma de lágrimas que, pingando, alimentam a terra e o lençol freático. Gente do território quilombola, gente território de passagem de afetos alegres que metabolizam a água do rio Jauquara em corpos afetivos e, na forma de lágrima, devolvem para o rio a água limpíssima, água emocionada:

“Estou muito orgulhoso de tudo isso. Obrigado pra você que agora considero filho meu também, obrigado por ajudar esse meu neto a escrever esse livro que fala de nossa gente, de nossa terra, de nossa tradição. Hoje eu me sinto com o dever cumprido. Eu que nunca pensei em chegar tão longe nessa vida...” disse o seu Francisco.

A dotôra adevogada vê no olhar do seu Francisco muita emoção, respeito, carinho. Acho que pouca gente viu isso porque enxergar exige sensibilidade. Estava ali, tudo ali naquele rosto marcado pelo tempo, marcado pela vida. Seu Francisco, o pai-véio, fez versos para este momento especial. Sua canção diz assim:

OLHA MEU PEDRO PAULO / ESSES VERSO É PRA VOCÊ  
/ MAS É VERDADE / COM TODAS INTELIGÊNCIA,  
ENTÃO / EU QUERO É TE AGRADECER / MAS É VER-  
DADE / MAS EU QUE NASCI PRA PADECER / NESSE  
MUNDO DE MEU DEUS / MÃE, MAS NÃO HÁ DE SER  
NADA, NÃO.

\*\*\*

Tamarindando na laive

No Vão Grande o tamarindeiro tem proprie-  
dades medicinais. Dessa medicina que acalma a  
alma: a\_calma\_a\_alma

Aqui não se aceita barragem. Barragem é como o Vão Grande denomina uma Pequena Central Hidrelétrica – PCH. Em coro de vozes, gritam:

**PCH, aqui não!**

ou

**Barragem, aqui não!**

Nos bastidores da laive, percebemos uma nuance emocional: no momento de muita emoção, recorre-se ao tamarindo. Para segurar o choro, Tonho disse que ia até ali fora para comer um tamarindo. Tamarindo costumam ser frutas azedinhas mas, segundo o Tonho e o nenê, o tamarineiro lá da Lindalva é docinho que só. Sair do barraquinho da laive e ir até o tamarineiro era um jeito de conter o choro, um jeito de barrar o rio de lágrimas. Mas aquele não era um tamarineiro qualquer. O encantamento dá ao tamarineiro da Lindalva as propriedades medicinais já mencionadas: acalma a alma. Segura o choro, mas o docinho do tamarindo permite o escoamento da água. Barra mas não barra tanto assim. A lágrima corre na hora de contar da laive, a emoção brota da terra no pé de tamarindo e nos permite ver a fluidez das lágrimas correndo no Tonho também.

Tonho e Chico abastecendo o rio Jauquara.

Chico, Tonho e Lindalva olhos d'água lavando a alma.

Tonho e Chico nascentes do Jauquara.

## **Mais um pouco da laive**

Mas voltemos ao lançalaive. Para tanto, contamos com a ajuda de Milton Nascimento que também lança ao mundo narrativas de interiores das Minas Gerais. Uma canção em particular: Canções e Momentos.

HÁ CANÇÕES E HÁ MOMENTOS / QUE EU NÃO SEI  
COMO EXPLICAR / EM QUE A VOZ É UM INSTRU-  
MENTO / QUE EU NÃO POSSO CONTROLAR / ELA VAI  
AO INFINITO / ELA AMARRA A TODOS NÓS / E É UM  
SÓ SENTIMENTO / NA PLATEIA E NA VOZ

HÁ CANÇÕES E HÁ MOMENTOS / EM QUE A VOZ VEM  
DA RAIZ / E EU NÃO SEI SE QUANDO TRISTE / OU SE  
QUANDO SOU FELIZ / EU SÓ SEI QUE HÁ MOMENTOS  
/ QUE SE CASA COM CANÇÃO / DE FAZER TAL CASA-  
MENTO / VIVE A MINHA PROFISSÃO

Nesta canção, Milton diz que a voz é o instrumento do cantor e da cantora. Logo Milton cujo nascimento trouxe ao mundo a voz que Elis Regina considerava divina. Ela disse mais ou menos o seguinte: ‘se Deus cantasse, teria a voz de Milton Nascimento’. Pensando com ele, podemos considerar que a voz é também o instrumento de quem fala as palavras que nascem no coração. Podemos considerar o ‘coração’ como a raiz do sentimento que, quando muito forte dilui a fronteira entre tristeza e felicidade, mais ou menos daí pode vir um sentido para a palavra política, para a palavra democracia, sobretudo para a palavra parlamento. Sim, porque no parlamento, uma expressão da política e da democracia, se parlamenta. No idioma francês, *parler* significa falar. Mas falar o que? mas falar como? falar para quem?

Aqui no território quilombola do Vão Grande a prática da fala é muito presente. Segundo a Ana Mumbuca, nos territórios se fala muito, a transmissão das tradições, dos saberes, a produção dos saberes se dá na forma da palavra falada, da expressão da oralidade. Parlamentam-se e muito aqui. E Pedro Paulo transformado em Pedro Silva registra essas palavras nascidas no interior do Brasil, no Mato Grosso, no interior do Quilombo do Vão Grande com sua escrita. Palavra registrada em papel, de alguma forma, imortalizada no papel. Palavras com palavras, palavras que estão ali, uma do lado da outra. Palavras aos pares, ímpares, conjunto de

palavras. Tudo verdade, tudo verdade. Tudo invenção, portanto, verdade. Invenção e verdade de mãos dadas e dançando São Gonçalo, registradas, cravadas em pedra bruta, em madeira feita papel.

A laive registra palavras faladas e interiores. Do interior do seu Francisco e da finada Benedita, da Lindalva, dos Ditos, dos Tonhos, das rezadeiras e das cumades, do interior de tanta gente “nascida e criada aqui”, de tanta gente que “lutou por esta terra”, que sobreviveu às ameaças, gente que ficou escondida no mato por dias e dias, gente que escapou de facada, de bala, de fogo botado na casa de páia, de gente que venceu “mardição de atraso de vida”, “gente raiz daqui” tipo gente maniva, gente semente de pé de manga, gente ingazeiro mas também gente ipê amarelo e florido como no terreno do pai-véio Chico.

\*\*\*

## **Territórios interiores**

Ao final da laive, o amigo Silvio Munari disse: “Ivan, sinto que já podemos morrer. Fizemos uma coisa muito bonita nesta vida”.

“O meu orgulho de ver esse guri escrevendo e levando para bastante lugares esse livro que ele fez através de mim e da avó dele. Grato de ver esse guri educado e cuidando desse bem preparado. Sinto feliz em ver esse meu neto me colocando nesse lugar de liderança nesses assunto de tradição. Peço que ele siga em frente nesse caminho dos estudo dele” (Francisco, o pai-véio).

“O Pedro falou no livro a respeito do nosso território, de nossa vivência, do nosso palavreado, muita coisa sobre a nossa localidade aqui” (Benedito Iliño).

Claudenilson Bento da Guia, o nenê, guia nosso olhar. Ele também escreveu:

“A laive do dia 19/08/22 foi muito bom porque Pedro Silva falou umas coisa bom. Ele falou sobre o rio Jauquara. Ele falou como começou o dia do rio Jauquara em um dia lá em Cáceres.

Nessa laive teve até emoção. O Dito Iliño ficou emocionado, quase ninguém viu. Eu vi no rosto dele. Ele fez uma cara de durão mas não segurou umas horas, o rosto dele mostrou. A Lindalva ficou emocionada com os elogios que deram para o Pedro. E o Chico também ficou emocionado com os elogios do Pedro e do vídeo gravado dele quando colocaram (na laive). E no fim teve até cururú para o encerramento: Chico tocando viola de cocho, Zacarias e o Dito tocando ganzá”. (texto que está numa folha de poesias, um trabalho da professora

Márcia com o tema: a importância do rio Jauquara. Trabalho que desdobrou em uma brincadeira gostosa de ‘ser escritor de poesias’. Nenê tem 12 anos).

O sorriso estampado no rosto do Pedro, um sorriso misto de forte emoção e a tensão de falar ao vivo, um sorriso descoberto que aperta o coração, revela a gratidão. Gratidão aos amigos e amigas que caminharam ao lado do Pedro na pesquisa e na escrita, e na laive. E na caminhada do Comitê Popular de Defesa do Rio Jauquara.

# Benzeção, Bento e a benta

Um tal Antônio  
Um certo tio  
Num certo dia de julho naquele ano da  
graça de 2022.

Um tal Bento  
Bento primeiro, Bento segundo, Bento terceiro  
Bento, bento: re\_Bento.  
Rebentou

A rebenta: mais uma benta na família Bento.

O carro parou:

“Antonio Bento, sua neta nasceu no caminho  
da maternidade”

Parou na estrada aquele carro meia\_bomba: explo-  
são de vida! Enfermeira, acompanhante, motorista...

Motorista... motorista que conta a história é  
aquele que\_mente. Um motorista clama pra vida vin-  
gar, um motorista chama pra vida chegar. Mais uma  
vida naquele Vão, naquele vale encantado, mais uma

vida cabe porque a boa vida vale. O motorista clama mas não mente. Melhorar uma história real é um fazer poético, é fazer beleza na hora de contar. É criar um interesse por um episódio, por um caso. Aprendemos isso com o pantaneiro Manoel de Barros. Aprendemos isso com o povo do sítio lá naquele grande Vão de morros. Prefiro falar serras, Vão de Serras, para não falar de morros. Talvez um grande Vão cujo rio do bravo jáú esculpiu a rocha das morrarias matogrossenses.

Naquela vale encantada  
cheiro de terra molhada  
passando pela vaca malhada  
onde Saci Pererê é Subanaré  
e sua traquinagem amarrando bezerro  
e trançando rabos e cabelo

Mas nossa história aconteceu do outro lado do rio.

De início, uma certa expectativa tomou conta de mim.

Assim:

O Tal de Antônio, estava se transformando. O famoso pescadô, famoso pelas histórias e pelas capturas de grandes criaturas das águas doces pintadas de dourado, o Tal Antônio transformava-se. Não era noite, tampouco lua cheia. Transformação que dava vistas, ali, à luz do dia. Estava ali dentro do carro cruzando as

águas do rio encantado, driblando criaturas enormes e jaús quarando nas beiras.

Besteira?

Não!

O minhocão das águas nos deu passagem, o peixe grande, imensas rochas roladas no leito abriram passagem para a nossa embarcação, aquele pequeno fiat uno com velas imensas torneadas pelo vento derivando naquele mar de água doce.

Bem, nossa pequena embarcação passou com as rodas molhadas, mais uma vez cruzamos o rio Jauquara sob o sol escaldante daquele mato. Mas não um mato qualquer, um mato grosso, grosso grosso. No interior do vale encantado, no interior do Mato Grosso. Justo ali, do meu lado, o tal Antônio metamorfoseando. Logo vi...

Ele já não era o Antônio, quem estava ali era Bento,  
do tal de Antônio para o tal de Bento.

Seguimos para a casa da criança.

Uma criança que chora  
que a mãe reclama  
e clama por rezas  
e clama por orações.

Ali estava a rebenta, pequena, num macacão vermelho.

Chegamos.  
A criança não chora.  
Amor  
Amora  
Ela vê o avô  
Antônio Bento  
Ele puxa uma folhinha de arruda que trouxe.  
E começa o ritual

Bem, eu estava ali com o Antônio Bento para benzer a rebenta, Josiele, sua netinha recém chegada.

Antônio Bento fala as primeiras palavras quase sussurrando, a pequenina ri.

Uma ritualística que passa por um canto manso do avô, gestos com o braço direito que às vezes sugerem uma cruz rabiscada no ar, outras vezes desenham círculos sobre a menina. Os olhos da pequenina acompanham tudo atentamente. A canção é mansa, a voz do avô é doce. Faço silêncio. A criança ri.

Antônio está vestido de amarelo, Camiseta da Brigada Quilombola, gandóla, calça e bota. No peito do macacão da menina, palavras: “Eu amo meu irmão”. Braços e pernas não param um minuto, parece que tenta acompanhar os movimentos do avô. Talvez uma benção chegue à pequena como o convite. Talvez a voz doce do avô, o Bento que benze, chegue como canção. Talvez os olhares se cruzem na graça e alegria. Sim,

porque o avô é esse sujeito da palavra doce, do convite, do gesto sereno.

Olhos de jabuticaba.

Bento termina o ritual de benzeção, como ele diz, tocando a neta. As duas mãos espalmadas sobre os pés, depois no tronco. Quase tocando aquele corpinho frenético, e um breve sinal da cruz com o dedão da mão direita na testa da pequenina.

Ela ri.

Ela ri muito.

Parece gostar da brincadeira.

Para ela, brincadeira.

Para ele, benzeção.

Então, não ouvi choro nem reclamação.

Só ouvi doçuras.

Vi apenas gestos. (Apenas aqui compreendido como muita coisa).

Uma energia de vida pulsante entre aquele Bento e aquela criança.

Ele, Bento

Ela, benta

Mais uma benta na família Bento.

Eis a benzeção do Bento na pequena Josiele.

Segundo encontro:

A mãe sente dores no peito. Talvez consequência do início da amamentação, talvez uma certa angústia ou depressão como dizem no vale encantado. Tem muito canto neste vale: Siriri, Cururu, São Gonçalo, ladainhas. Pai-véio Chico, grande cantador e capelão cuja fama transita por todo canto deste Mato Grosso, observa esse encontro conosco. A mãe sente dores e pede as bençãos do pai. Antonio Bento pergunta do choro da neta. Resposta: “não chora mais. Mas essa dor no peito, aqui no lado direito, essa não passa. Vai e volta. E volta”. Bento avô, agora Bento pai e nova benzeção.

#### Resultado?

Bem, quem sabe um terceiro encontro possa responder. De qualquer maneira, tudo ficará bem. Afinal, o vale encantado, esse Vão Grande de tanta música que sai das violas de cocho, da garganta afinadíssima das respondedeiras quando os capelão tiram a reza, do sotaque quase incompreensível para os ouvidos poucados do encantamento, da música linda que sai da garganta dos galos, das galinhas, vacas e bezerros, das muitas espécies de passarinho.... Vão Grande de muita beleza, das imagens e dos sons encantadores, do calor capaz de descongelar olhos e ouvidos poucados de encanto, beleza e poesia. Vão Grande de Ditos e não ditos, de Marias, Bentos e bentas, Rosas e mangas... De tanta beleza com força de cura para corpo e curas para a alma. Cura pela fé e pela beleza.

# Conversa a respeito de seres encantados<sup>2</sup>

**Pedro Silva**

Nas Rodas de Conversas noto que há muitos causos misteriosos nas lembranças dos mais velhos. O Tubanaré é uma espécie de pássaro mal formado, todo esquelético. São pessoas que de alguma forma não aceitaram a morte ou morreram tragicamente, morreram tão rápido que não deu tempo de se arrependar dos pecados ou não deu tempo de entender a morte. Nessas narrativas, o Tubanaré costuma aparecer com o pôr do sol, no começo da noite, normalmente ele solta um ruído muito parecido com o assobio de uma pessoa normal, em outros casos o assobio é totalmente assombroso como se fosse uma espécie de grito mesmo. São como demônios procurando hospedeiros. Segundo relatos, se a pessoa não tem fé em Deus essa criatura assombra a pessoa a ponto de levá-la à loucura ou, algumas vezes, se transforma em coisas horrorosas

---

2 SILVA, Pedro. **Narrativas do Interior**. São Paulo: Ed. da Autora, 2021. Disponível em [https://escoladeativismo.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Narrativas\\_do\\_Interior\\_LIVRO\\_digital.pdf](https://escoladeativismo.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Narrativas_do_Interior_LIVRO_digital.pdf). Acesso em: 19 mar. 2024.

como uma ave cheia de fogo ou até mesmo se materializa em outros seres. Se, por outro lado, percebe que a pessoa tem uma fé forte, acaba indo embora. Uma das opções para não ser incomodado pela criatura é apenas ignorar seus assobios e continuar a fazer o que estava fazendo. Mas vamos falar de uma criatura travessa que em alguns lugares é conhecida como Subanaré. Pelas narrativas se trata do saci, que inventa algumas travessuras principalmente com animais. Há relatos que às vezes as pessoas deixavam cavalos amarrados em piquetes e, noutro dia, percebiam as crinas do cavalo trançadas, mas com um trançado tão perfeito como se uma pessoa tivesse feito a trança. Já ouvi que isso aconteceu também com animais soltos também.

### **Ivan Rubens**

Pedro, aconteceu na noite de 18 de junho de 2021. Eu estava na casa do tio Antônio. Nós havíamos combinado de acordar cedo no dia seguinte para passar na casa da Lindalva pois aconteceria o lançamento da primeira versão de suas Narrativas do Interior. Lembra?

### **Pedro Silva**

Hãhãá (lembro!)

## Ivan Rubens

Pois então, tio Antônio foi dormir agitado, estava com mal pressentimento, alguma coisa estaria acontecendo com o bezerro que ele criava lá no pasto. Tio Antônio amarrou o bezerro para cuidar de uma bicheira. Então, combinamos que o Sid cuidaria do bezerro, liberando o Tio Antônio para seguir comigo até Barra do Bugres. Mal amanheceu o dia, tio Antônio estava muito nervoso: – Ivan, não vou com você. Estou muito preocupado com o bezerro. Vi num sonho que o bichinho está em apuros. Escutei assobios, tem traquinagem no pasto. Seguimos imediatamente. Ao chegar, vimos o bezerro todo amarrado. Uns 20 metros de corda amarrando o bicho: patas amarradas umas nas outras, o bicho todo preso. Uma cena terrível. Num primeiro momento, pensei: como esse bicho conseguiu se amarrar assim? Ao que tio Antônio me provocou: Como é mesmo o nome que vocês dão para o menino que faz traquinagem? Saci Pererê. Respondi. Sabe, Pedro, foi muito difícil soltar o bezerro. Ele estava muito assustado e dolorido. As patas deveriam estar dormentes pois a circulação sanguínea já estava visivelmente prejudicada. Enquanto soltávamos a corda, nó por nó, tio Antônio explicou que o Subanaré esteve ali. Ele mesmo, o Subanaré fez a traquinagem.

## **Pedro Silva**

Pois é Ivan, nos dias atuais são pouco frequentes essas narrativas. Como eu disse nas Narrativas do Interior, essas criaturas foram sumindo conforme o desenvolvimento das comunidades. Os povos mais antigos do território possuem mesmo essa ligação com sonhos e essas sensações que o senso comum conhece como “sexto sentido”. Os mais antigos são muito apegados às criações, seja criados em pastos mangueiros, seja no próprio quintal. Olha, se algo acontecer com seus animais provavelmente eles irão saber.

## **Ivan Rubens**

Sim, acredito. O bezerro ficou bem, demos água, cuidamos da bicheira e ficamos um tempo ali no terreno conversando... tio Antônio me contou detalhes do sonho que o Subanaré apareceu para ele, daí o desespero e a urgência em acudir o bezerro no pasto. Não havia tempo a perder e, de fato, chegamos no limite da saúde do bichinho. Eu acredito que o Subanaré fez a traquinagem mas, para não prejudicar ninguém nem mesmo o bezerro, ele avisou o tio Antônio em sonho. O que você acha?

## **Pedro Silva**

Concordo. Sempre que essa criatura aparece, pode ser para fazer brincadeira ou é para nos deixar

uma aprendizagem. Uma possibilidade que estou pensando aqui: talvez o recado do Subanaré fosse para tio Antônio não amarrar o bezerro. Talvez fosse um recado do tipo: o bezerro é muito manso! Se o Subanaré (ou saci com você disse) fez a traquinagem, perceba que ele apareceu em sonho para avisar que algo não estava correto.

### **Ivan Rubens**

Pedro, confesso: eu vi rastros do Subanaré. Tio Antônio me mostrou o percurso dele, pegadas e rastros que deixou no caminho. E eu senti que ele nos observava. Era como se estivesse por ali, escondido, tocaiado, olhando nosso esforço em desamarrar o bezerro e zombando do nosso susto.

### **Pedro Silva**

Esse relato nos mostra que, mesmo quando não acreditamos em um mundo sobrenatural, há coisas que são inexplicáveis. Apesar disso, podemos sentir energias e ser testemunhos de fatos misteriosos. Se a criatura ainda estava ali, talvez seja um mistério, mas ela deixou uma marca como nos tempos anteriores deixava sua marca nas crinas dos cavalos, em bois e outros animais.

# Andarilhagens pantaneiras

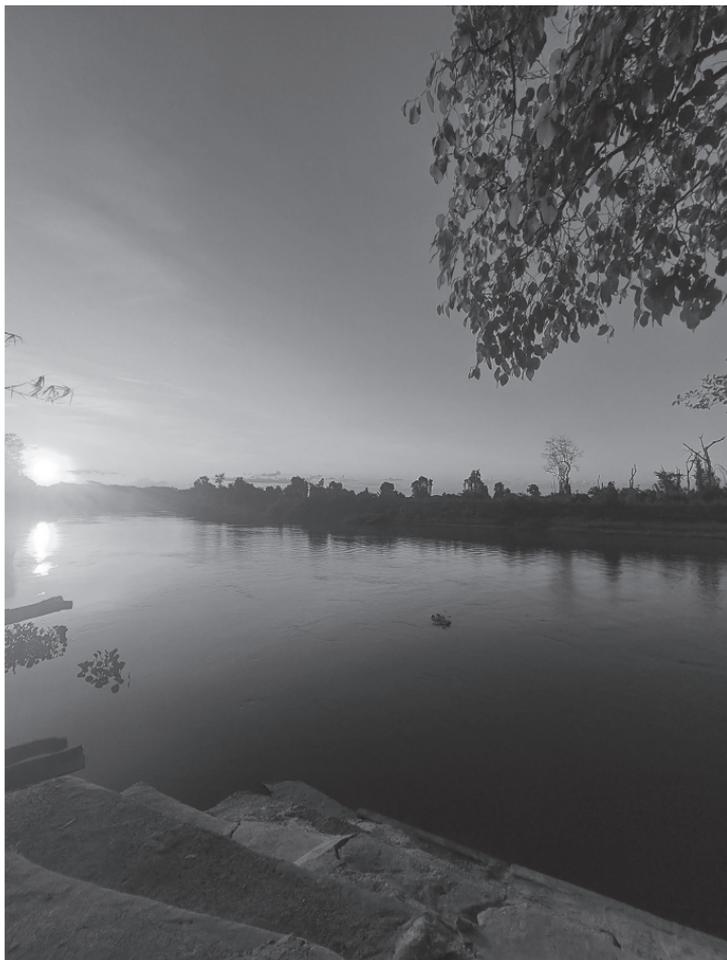
## – Últimas palavras

Esperamos que este pequeno trajeto, este pequeno percurso, este pequeno passeio pelo Pantanal mato-grossense tenha lhe agradado. Se te trouxe alegria, se produziu alegria em ti, se esboçou um sorriso mesmo que de soslaio, já cumpriu um importante papel e estamos felizes por isso. E se, ainda mais do que isso, te mostrou, te apresentou, se soprou em balbucio, te sugeriu um Pantanal que te agradou, saiba que estamos ainda mais felizes. Felizes por perceber a potência do Pantanal, este pantanal dos Comitês Populares em Defesa das Águas e do Clima, da luta pela terra, dos povos quilombola, ribeirinhos e ribeirinhas, dessa gente que pesca, que canta e que dança, que reza, que faz festa pra santo, que canta parabéns para os rios, que comemora o aniversário de seus rios, que celebra a vida humana e não humana. Essa gente que é terra, que é água, que é rio. Nós somos a natureza.

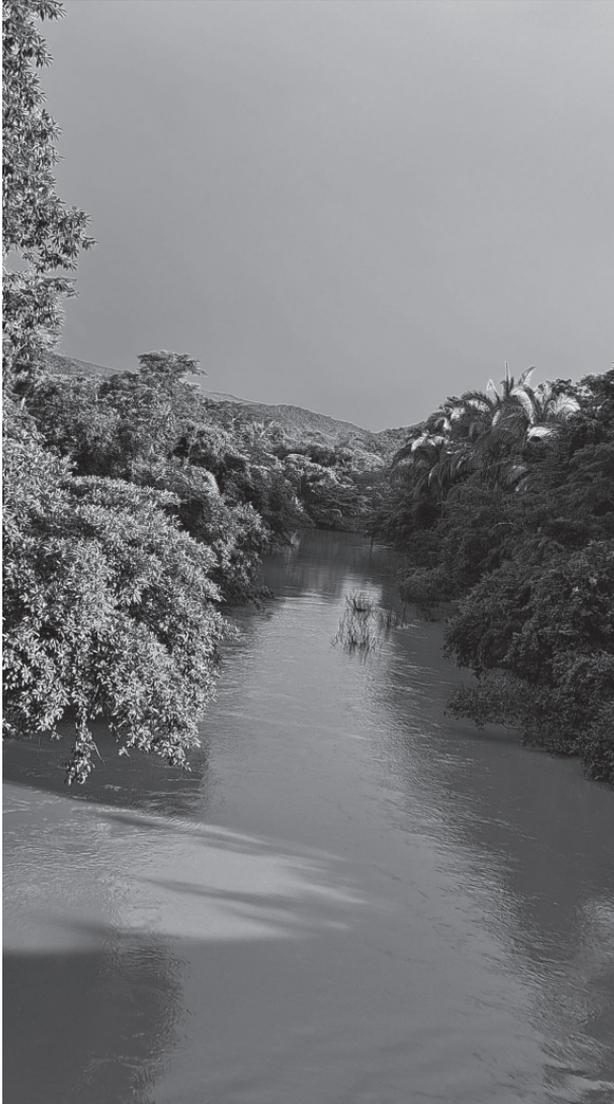
PCH, aqui não!!!

Agrotóxico, aqui não!!!

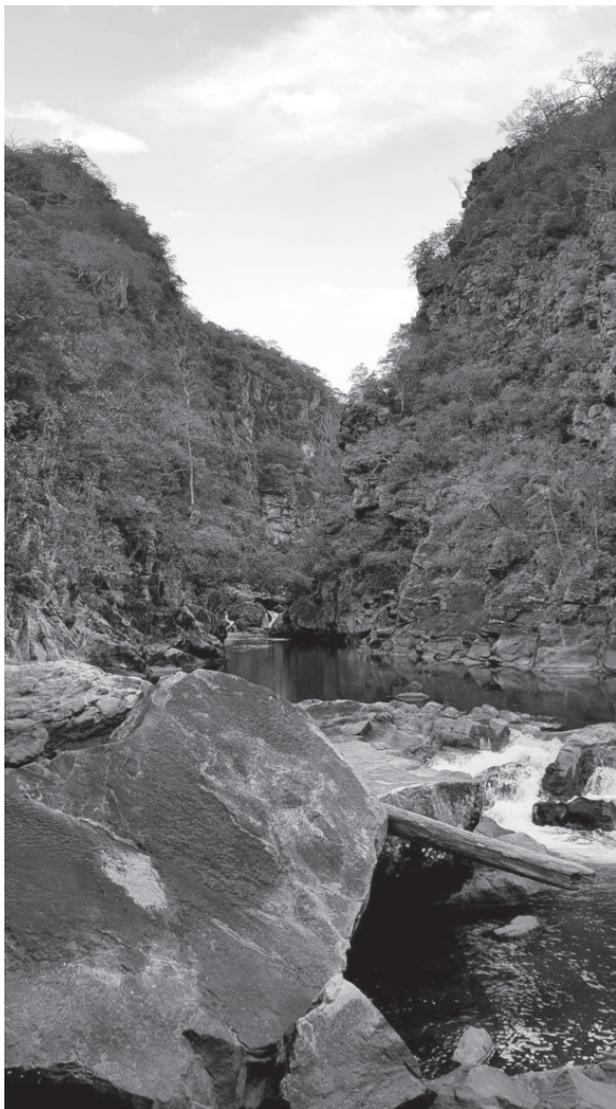
**Foto 1 – Rio Paraguai**



**Foto 2 – Rio Jauquara**



**Foto 3 – ‘Sarto’ no Rio Jauquara**



# Apresentação do autor

Ivan Rubens Dário Junior nasceu em 1971. Em Rio Claro/SP estudou Geografia na Unesp e, levando o curso à sério, foi para o mundo. Seu mundo é o Brasil. E nesse trânsito por este país imenso e que é tantos, continua estudando a cultura, as tradições do povo em seus rincões. Pós doutorando em Educação, tem se dedicado a registrar suas experiências e seus encontros. Artífice das lavras, das palavras, costureiro de linhas de afeto, é educador popular.

Suas Andarilhagens estão disponíveis em:  
[blogdoivanrubens.blogspot.com](http://blogdoivanrubens.blogspot.com)

Também está disponível na plataforma Spotify:  
Andarilhagens.

Em breve estará disponível no YouTube.

## Outras obras:

- Pedagogias da cidade: corpos e movimento (Editora Appris);
- Andarilhagens: crônicas de uma pedagogia em movimento (Editora Sorian).

# Índice remissivo

## **A**

Andarilhagens pantaneiras 1, 3, 11, 13, 56

## **I**

Interior 18, 23, 32, 36, 41, 42, 47, 51, 52, 54

## **M**

Mato Grosso 16, 20, 23, 26, 27, 34, 35, 41, 47, 50

Militância pantaneira 7, 14, 20, 21, 22

## **N**

Narrativas 14, 18, 32, 33, 36, 40, 51, 52, 54

Natureza 14, 16, 21, 22, 27, 29, 30, 31, 56

## **P**

Pantanal 1, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 23, 24, 27, 28, 37, 56

## **R**

Rio Jauquara 7, 18, 19, 23, 24, 27, 31, 37, 40, 43, 44, 47

Rio Paraguai 7, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27

## **T**

Território quilombola 18, 23, 27, 32, 37, 41

## Sobre o autor



### **Ivan Rubens**

Estudante, professor, escritor e compositor. Geógrafo, pedagogo, mestre e doutor em educação na fronteira com a arte, a psicanálise e a política. Tem experiência em educação popular com populações quilombolas e ribeirinhas, com pescadores, com escolas e assentamentos, roças, rios e igarapés, com escolas e cidades, periferias e morros, litorais e interiores, deslocando entre mundos. Trabalhou com populações e ocupações em áreas de risco urbano, trabalhou na democratização do orçamento público por meio do Orçamento Participativo. Luta com populações tradicionais na preservação de seus modos de vida. Um andarilho ávido de mundos, culturas, ávido de histórias e arte, ávido de gente.



Formato: 12,5 cm x 18 cm  
Mancha: 9 cm x 14,5 cm  
Tipologia: Crimson Pro | Roboto  
Impresso em Papel Pólen 80g